

Entrevista com Paulo Assis Breder, 16/09/2019

Local da entrevista: Sua Residência em Rua Joaquim Tenório.

Entrevistadores: Juliana Abreu e Luciane Chagas Brasil

Vídeo e áudio:

Juliana Abreu: Boa tarde seu Paulo, tudo bem?

Paulo Assis Breder: Tudo bom!

JA: Meu nome é Juliana, é um prazer está aqui na casa do senhor... Nós gostaríamos saber um pouco mais da sua história de vida e para isso nós iremos te fazer algumas perguntas.

JA: Primeiramente, eu gostaria que o senhor falasse seu nome completo e idade.

PAB: Paulo Assis Breder, 66 anos, eu sou de 7 de 4 de 1953.

JA: Aonde o senhor nasceu?

PAB: Cidade de Manhumirim em Minas Gerais, mas era o município da época. Eu fui criado na serra de Caparaó no Pico das Bandeiras.

JA: E falando um pouco mais da sua infância... Qual é a história da sua família?

PAB: A minha família tem muita história... Se a minha família for contar história tem que começar em 1822 entendeu? Quando nós viemos da Alemanha... Os patriarcas vieram da Alemanha não é... Viera da Alemanha em 1822 fugindo da guerra, do então ditador que tinha na época o Napoleão Bonaparte. Eles vieram em navio, e vieram parar aqui no Rio de Janeiro em 1822. Foi recebido pelo governo Dom João VI e eles ficaram em uma quarentena de quarenta dias até achar um lugar para a família ficar, por que como a família era alemã o clima, e depois a família foi deslocada para Friburgo aonde tem a maior parte da família, entendeu? Os antigos foram tudo para Friburgo... E de Friburgo saiu devastando esse mundo a fora. Foram parar em Manhumirim... Em Reduto, naqueles lugares ali de Minas Gerais. E aí se espalhou... Daí cresceu a família. Inclusive, uma das matriarcas da família ela foi baba da princesa Isabel, eu só esqueci o nome dela agora, por que na nossa árvore genealógica tem o nome dela, e ela foi baba da princesa Isabel naquela época. E daqui para cá foram só surgindo, entendeu?

PAB: Antigamente era muito comum a família casar primo com primo. Então, a família foi crescendo dentro da própria família. Hoje se a gente for ver as famílias antigas, o pai da minha mãe era irmão da mãe do meu pai. Quer dizer, eles eram primos primeiros... Entendeu? A família Almeida e família Breder, eram tudo primo primeiro, era tudo ajuntado ali. E daí foi surgindo esses negócio não é? Em 1959 nós viemos para o Rio de Janeiro, a família era bem situada... Os meus avós, eram donos de uma fazenda em Reduto, um município próximo a

Manhumirim e lá foi fundado a linha do trem do RJ para Manhauçu quando esticaram a linha do trem, eles fizeram uma estação dentro da fazenda do meu avô, chama-se parada Breder. Essa parada Breder foi à homenagem ao meu avô, porque naquela época a Leopoldina dependia muito de madeira para fazer “drumet” para seguir as redes ferroviária, e eles queria comprar do meu avô e meu avô falou “Não, você podem pegar de graça” e daí saia trens e mais trens para cá... Tanto que ele recebeu um título benemérito da Leopoldina. Hoje não existe mais porque acabou a Leopoldina lá em baixo não é? Eu nem sei se tem no museu... E o trem parava dentro da fazenda, essa fazenda ficou até em 1976 por aí... Mas meu avô vendeu ela em 1954 para a própria família, eles discutiram lá e venderam e foram para o Paraná, daí não gostou e voltou para Presidente Soares aonde fica Jequitibá, aí daí criou a família e cada um foi para o seu lado não é, ele indenizou os filhos e cada um foi para o seu lado. Daí acabou! As fazendas acabaram, mas tinha um “fazendão” lá, que era do meu avô, o Aligist Breder. Inclusive, esse nome Aligist Breder e Guilherme Breder ele vem desde 1858, meu tataravô morreu assassinato na fazenda, mataram ele, ele se chamava Guilherme Breder. O meu avô chamava-se Alisgit Breder, o meu pai pegou o nome do avô, Guilherme Breder, o meu irmão pegou o nome do meu avô, Aligist Breder, e agora meu sobrinho filho do meu irmão, chama-se Guilherme Breder. Então esse nomes, Aligist e Guilherme vem de 3 ou 4 gerações, entendeu?

PAB: Então, esse meu tataravô, eu acho que veio e chegou a vim da Alemanha, porque em 1858 que ele morreu não é? E de 22 para 58 ele tinha 36 anos. Eu não sei se ele veio naquele navio também não é? Mas a mãe dele com certeza, a mãe o pai vieram...

JA: E o senhor tem lembrança de quem foram os seus primeiros familiares a vir para a Vila Operária?

PAB: A primeira família que veio foram nós entendeu? Nós viemos para cá em 1962 em Julho... Era copa do mundo, tinha acabado a copa do mundo, daí nós viemos para cá... A casa aqui foi feita em uma semana, o meu pai... Só tinha operário, não podia vir mais ninguém de fora, eles ajuntaram aqui só para os operários, por isso do nome Vila Operária... O nome do lugar mesmo é Parque Felicidade, Vila Operária é um sobrenome devido os operários que vieram... Na época a associação daqui tinha um senhor chamado José de Jesus Barbosa, e ele que foi o mentor de distribuir essas terras. Primeiro, ele começou... Na verdade eu não sei se foi ele que começou, mas essa área aqui foi praticamente desapropriada dos antigos donos que não pagavam a prefeitura. Em 1959, eu morava ali naquela rua que sobe o cemitério, ela sai ali no Carandiru eu morava ali, foi o primeiro lugar que eu morei no RJ quando eu vim para cá. E o cemitério foi fundado em 1959, assim que fundaram o cemitério começou a Vila

Operaria não como a Vila Operaria, mas começou o pessoal ali nessa rua principal Marechal Bento ali no final, e ali tinha uma vaga areia grande, e ali começaram a fazer os barracos lá e aquilo pingou uns seis meses e desmancharam tudo, o proprietário da terra colocou na justiça e não sei o que foi... Desapropriou e saiu tudo, aí depois, passou mais um ano e pouco começaram a dar com mais frequência. A Vila Operaria começou de cima para baixo, não começou de baixo pra cima, ela começou lá de cima, não é bem lá em cima, porque lá cima não tinha nada era um morro assim, porque não tinha nada, foi mais do mediado da rua da mina que começou, eles começaram a dar os pedaços de terra para cada um... Então, tinha uma determinação, como era operário, e só tinham operário, eles não queria fazer favela na época, o seu Barboza não queria fazer favela, então ele programou... Tinha seu Luiz Barrigudo, que era assessor dele, que era o que marcava os terrenos... A pessoa tinha que ir lá e marcar os terrenos certinhos, tamanho por tamanho, tinham aqueles mais espertos que pegava mais uns metros pra cá e pra lá, daí começa a virar bagunça... Mas quando começou, tudo tinha seus lotes, mais ou menos num tamanho específico assim de 7 metros que era a media, 7 metros por 10 pelos lugares que davam, tinha uns lugares que davam até mais um pouquinho, mas a media era 7 por 10... Então, quando nós viemos para cá o seu Luiz esse vizinho aqui do lado, nós viemos no mesmo dia e fizemos as casas em uma semana, só que ele era um paraíba vivido já em favela de Parada de Lucas, era acostumado com aquela vida de favela, e ele foi a primeira casa aqui, então como estava tudo aberto ele avançou o nosso terreno três metros, aí já não ficou igual, o nosso ficou pequeno, aí nós fomos avançando também três metros para cá, entendeu? Aí assim foi sucessivamente, por causa disso que não tem frente, mas era tudo certinho frente com frente, um com o outro, daí passou... Porque aqui do lado, era uma buracada tremenda aqui do lado aonde a Dona Irinete mora era um buraco que cabia umas três casas em baixo, de trás tinha uma pedreira, tanto que o pessoal que fez casas aqui depois da gente eles tudo pegavam pedra l, para construir as casas... Era pedra grande, tudo a vontade. Essa família aqui da frente da dona Caboclinha eles demorara um ano para fazer essa casa, todo dia, era igual uma formiguinha vinham lá e pegavam as pedrinhas por pedrinhas, até fazerem... Mas, a gente não... A gente veio com uma semana e era obrigado aqui ó fazer casa de tijolo, não podia fazer um barraco, na Vila Operaria não era permitido fazer barraco, se a pessoa visasse barraco eles chegavam na hora e eliminavam, dizia: “Sai” entendeu? Tanto que o meu pai fez em uma semana porque ele comprou um barraco, nós tínhamos uns parentes lá em Manguinhos daí os parentes deu para ele um barraco, daí fizemos uma casa aqui com dois cômodos e aquele barraco serviu para o teto e o chão, porque o chão era feito de tapua, aí nós chegamos e depois de 65 eu passei para a

alvenaria completa não é... Meu pai morreu, daí recebeu uma herança, porque morreu de acidente e aí minha mãe veio para cá até hoje... Aqui só teve na Vila Operaria um barraco (inaudível) esse barraco ficava aqui na Rua Vigilante Municipal com (inaudível) Silveira, não era considerável barraco, era considerados uma casa de veraneio, e o rapaz que veio morar ali, ele na época era construtor, então eles faziam as casas como engenheiros, com dois até três quartos... Ele montou um lá, foi o único que deixaram fazer, fora isso disso não podia entrar barraco nenhum... E assim foi seguindo a 62. Em 63 eu não sei, se fio em 63 ou em 64 que fizeram a escola aqui, eu acho que foi em 63, porque nós viemos em 62 e logo no ano seguinte foi feita a escola na Vila Operaria que está lá até hoje... Essa escola Municipal da Via operaria, ela foi feita por todos os moradores, aconteceu um mutirão e fizeram a escola, do mesmo jeito que fizeram está até hoje, fizeram umas melhorias naturalmente, mas a escola está lá até hoje, isso em 63, eu não estudei nela não... Eu no Colégio Fluminense aqui em cima, mas eu lembro quando foi feita... Eu também ajudei a carregar pedra, todo mundo ajudou...

JA: E sobre a sua família, qual a relação que eles têm com a Vila Operária?

PAB: A relação é o seguinte, em 64 a família mesmo, a família em si... Essa minha avó que tinha a fazenda lá em Minas... Eles moravam ali em Parada de Lucas, daí ocorreu esse acidente de trem e ele morreu (avô) como nós ficamos muito pequeno, eu tenho uma irmã mais velha de 4 anos, meu irmão de 2 , então quando meu pai morreu eu tinha 11 anos, e minha irmã 15 e meu irmão 13, então estávamos começando a vida aqui na Vila Operária... O meu irmão já trabalhava, eu praticamente já trabalhava, não em emprego formal... Mas eu trabalhava vendendo coisa, escrachava sapato, eu fazia de tudo, porque nós tínhamos que arrumar dinheiro para sobreviver, porque todo mundo era pobre, eu pai ganhava um salário mínimo... Aí meu avô morreu e minha vó veio pra cá, mas aqui na Vila Operária a minha vó veio pra cá a nossa casa, o terreno não ia até a rua ali de traz... Todas essas casas aqui, só ia até a metade... Aqui atrás passava um rio que ligava com outro lá naquela rua principal, era um riozinho que era um córrego não é... Chamava rio, mas era um córrego, aqui atrás da mina, porque a mina dava muita água para o pessoal. Aqui morava um velho aqui atrás, tinha uma chácara aqui atrás grande, uma chácara que morava um velho que se chamava Senhor Alberto... Dizia ele na época que ele era o dono disso aqui, que os donos mesmos tinham dado a ele, e ele ficava aqui comandando isso tudo aí... Ele andava por aí... Ele dizia que tinha 117 anos, e aqui atrás aqui como passava a mina era muito úmido e tinha uma plantação de bananeira que era dele, a plantação começava lá em baixo e ia até lá em baixo no final da rua... E ele do outro lado com a plantação de bananeira dele. E ele falava sempre com a minha

mãe, que a minha mãe fazia muito bolinho naquela época aquelas coisas, daí ele falava com a minha mãe quando ele morresse, ele chamou a minha mãe, o pessoal mais antigo daqui e falou que quando ele morresse, nós podíamos levar (as casas) até lá em baixo, não tinha rua ali não, aí podíamos esticar até lá em baixo, aí nós pegamos o bananal dele isso em 64, quando meu pai morreu... Aí em 65 a minha vó veio para cá e fez uma casa que dava de frente para lá, a minha tia que veio de Minas morra ali até hoje, tem um pessoal da família que mora lá, mas é de frente para lá (inaudível)... Era a minha mãe, meus irmãos, eu, era um total de cinco, nasceu um irmão ali, outro nasceu aqui e os outros vieram de Minas não é, mas em 63 o meu irmão nasceu aqui. Mas alguma coisa? E só perguntar, porque quando começo eu não paro de falar...

JA: Porque vocês escolheram vir pra Vila Operária?

PAB: Não foi escolher... Foi uma necessidade, entendeu? Quando nós viemos para cá, foi como falei eu só morei em um triangulo aqui, eu morei ali, dali eu fui pra Minas Gás, de Minas Gás eu fiz um triangulo... Aí a gente vem pra cá pobre na época, meu pai assalariado, eles tinham muita fama quando meu avô era vivo, tinha as fazendas, mas depois que acabou a fazenda acabou tudo... Cada um foi para seu lado, meu avô acabou o dinheiro, é o seguinte se tem uma propriedade e você vende, acabou o dinheiro acabou tudo... Foi o que aconteceu, o meu avô vendeu a fazenda, assim desgostou, vendeu a fazenda e foi para o Paraná, quanto ele e o pai da minha mãe, eles eram irmãos não é... Aí foi para o Paraná para comprar uma fazenda no Paraná naquela época, eles venderam a deles e foram comprar uma lá, vendeu para parente também não é... Passou para parente, foram comprar uma fazenda no Paraná, chegou no Paraná a terra era tão grande que eles andaram três dias e não chegava no final aí ele desistiu... Na época do café que era aquela terra vermelha, aí desistiram e voltaram, eu acho que foi a primeira família que andou de avião de Minas pra lá... Naquele tempo ninguém falava nem eu avião, eles alugaram um avião para o Paraná para verem a fazenda, mas não gostaram e voltou, aí voltaram e o que fizeram? Foi morar na cidade, um casarão na cidade... Aquele casarão acaba rápido, então foi o que aconteceu, meu avô morreu em 64, já morava na cidade no povoado e foi só acabando, aí os filhos na época ele comprou um caminhão para um, um caminhão para outro, uma casinha para um... Daí acabou o dinheiro, aí eles separaram e cada um foi para um lado... Aí eu tinha uma tia em Presidente Soares, lá tinha um orfanato, era um colégio interno, famoso na época. Então, uma coisa eles fizeram de bem, eles transformaram... Uma tia minha era farmacêutica, ela foi formada justamente em 1964, aí ela veio para o Rio de Janeiro não é... Ela com as irmãs vieram e se deram bem, mas queria ficar aqui na Vila, eles tinham condição de comprar uma casa em outro lugar, mas eu não sei por que

vieram morar junto com a gente, fizeram uma casa nos fundos e vieram morar aqui... E até hoje tem duas irmãs viva não é, as mais novas estão vivas não é, mora aqui atrás e outra que mora em Ricardo de Albuquerque, essas duas ainda estão vivas dos Breder não é, porque dos almeidas tem mais vivos dos antigos... Agora, a Vila Operária foi aquele negocio foi crescendo de acordo... Quando viemos para cá, aqui na frente não tinha nada, só tinha a rua principal lá... Não tinha luz, lógico não é... Quem puxou a luz pra cá foi meu pai com seu Luiz e mais uns dois, três moradores que moravam na época, eles fizeram uma vaquinha, compraram os postes, o relógio ficava lá de frente quase de frente ao cemitério, nessa reta daqui de frente, naquela rua que tem ali perto do cemitério, sem ser a do ônibus aquela outra de cá é a sequencia dessa daqui, só que lá é um nome porque é outro bairro, mas tinha que ser sequencia, mas depois eles fecharam tudo e acaram com tudo não é... Tinha um rio para separar, eles puxaram luz de lá, foi à primeira luz que veio para cá, também não demorou não em três meses colocaram a luz... Ai depois em 65, 66, 67 ai começou a melhorar a Vila Operária... Eu não sei se foi em 70 ou entre 72 e 75 isso aqui não era nada calçado, tinha um areal aqui em baixo tudo aberto, tinha um campo de futebol e minha tia como eu falei é paraplégica, uma vez veio o prefeito, ele era da época do militar não é, ai veio o prefeito eu não sei o nome dele, acho que era Marcelo se não sei o que... Ele era designado pelo presidente, e ele veio aqui na Vila para calçar, só que em volta da praça, só em volta... Ai a minha tia ali atrás, ela veio aqui para casa e nós ficamos esperando o prefeito, dai quando ele chegou e se sensibilizou com o problema dela, por ela ser paraplégica e não ter como se locomover, ali atrás como passava esse rio, eles foram fazendo mais não tinha nada de esgoto aberto, não tinha esgoto, tinha nada... Ele se sensibilizou e calçou a rua dela até a casa dela para ela poder sair com a cadeira de roda e poder fazer as coisinhas dela... Então esse foi o primeiro prefeito que fez alguma coisa por aqui, ai depois começou o Barbosa que se candidatou chegou a ser vereador, mas depois ele quis ser deputado, eu não sei se ele se elegeu como deputado, e saiu da roda da politica... Ai por volta de 74, 75 o próprio Barbosa, propôs em vender a Vila Operária... Eu tenho até uns mapas que eu fiz ele é maior que essa sala aqui, da Vila Operária todinha eu tenho esse mapa que eu desenhei, e com os donos antigos os familiares da parte dele, eles fizeram na praça aqui um escritório de venda, para vender a Vila Operária para quem morasse, quem morava tinha que comprar seu lote, isso depois de 10, 12 anos que todo mundo morava, ai aquilo não vingou não, ficou, mas não vingou... Ai sumiu todo mundo e não apareceu mais ninguém e ficou assim, mas nós já pagávamos impostos aqui, a gente pagava impostos aqui desde 69, nós temos impostos pagos aqui desde 69, com o nome de todos, imposto e água nós temos aqui também desde 69

quando colocou a água da rua, ela vinha até aqui rodava a praça... Ai não sei o que meu tio fez ai que ela vinha até aqui, em frente a minha casa aqui, tanto que aqui nós tínhamos água, para cima que foi depois que foram levando... Depois disso ai em 70, 80 começou a melhorar a Vila Operária em termo de infraestrutura, até ali era tudo barro não é... Esses morros ai era barro, as ruas eram largas, mas era barro, tinha um rapaz ai até hoje ele é vivo que vocês devem conhecer o nome dele eu ol de 80 estava enfiado em politica e queria toda eleição ele dava uma chegadinha, dava uma chegadinha para poder ir melhorando a parte dele politica... E o ultimo prefeito que deve na ditadura eu acho que foi o Endéquio, e ele apoiava o Endéquio, o Endéquio era o prefeito da época, e ele se prontificou em melhorar a Vila Operária, ele não todo mundo em geral, foi feito uma reunião com os moradores, ele conseguiu na prefeitura uma máquina de fazer meio fio, botaram ali na praça e a prefeitura cedia o material necessário, o pó de pedra, eu não sei se o cimento, eu só sei que também ajudava com o dinheiro financeiro e ajudava na mão de obra... Então, esses meios fios que estão por ai tudo nessa rua daqui, nessa rua de lá, isso foi tudo feito pelos próprios moradores... Eles colocavam ali, tipo uma fabrica, abriam às 7 horas da manhã e às 5 horas da tarde fechavam então eles faziam tanto meio feios por dia, eles foram ajuntando e foram fazendo... Ai na outra eleição quem veio como candidato acho que foi o Zito. Acho que o Zito foi o primeiro candidato que ganhou depois naquela época, e o Zito não era a favor dele, o Zito era contra, mas não colocou empecilho não... Nós fizemos a parte dele não ganhou eleição, ele se associou depois ao Zito e ficou... Mas, a Vila Operária ele começou a calçar, calçou essa rua daqui, aquela rua de lá de cima, entendeu? Aquele morro de cima aonde tem a associação dos moradores, aquele morro de lá não tinha nada, ali era um lugar panorâmica, que tinha uma visão, havia um campo de futebol que tinha um time de futebol, antes de a gente vir para a Vila Operária, que se chamava 11unidos, aquele time de futebol ele era muito conhecido em Caxias e todo domingo era uma festa ali em cima... Eles tinham uma sede, era nessa rua aqui com aquela que sobe aqui em cima, então todo domingo ali em cima era uma festa, o futebol não é... Não tinha casa nenhuma era tudo aberto, se chamava o carecão, não tinha grama era só, então aquele campo lá... Lá em cima demorou muito para fazer a Vila Operária, de volta do campo demorou muito tempo... Acho que demorou uns 5, 6 anos ai depois eles foram subindo, ai depois acabou e eles foram invadindo tudo, fizeram o que quiseram... Mas a Vila Operária é isso ai...

PAB: Podem perguntar o que vocês quiserem, não deixa eu falar muito não (risos)

JA: Como foi a sua infância e juventude aqui na Vila Operária seu Paulo?

PAB: A minha infância como eu já disse... Meu pai morreu cedo, a gente tinha que optar em trabalhar ou estudar entendeu? Como a vida era muito puxada, por exemplo, quando meu pai morreu eu tinha 11 anos eu saía daqui e ia engraxar sapato lá na praça... Eu engraxava sapato, eu vendia laranja daí eu acaba uma coisa e ia fazendo outra... Primeiro eu comecei a vender laranja, aí o pessoal chegava lá para comprar laranja, não tinham dinheiro aí eu trocava por graxa ou laranja, a gente fazia troca... Aí chegou um ponto de eu ter o material todo para trabalhar como engraxate. Meu pai morreu aí como a família era toda de igreja, em 1965 eu fui trabalhar no SASE, eu inaugurei o SASE de Caxias... O SASE de Caxias os dirigentes era seu Ampliado Cabral, que era um deputado da época, ele era um tesoureiro do SASE e seu Alberto era o presidente e eu com 12 anos fui trabalhar no SASE... Eu fui trabalhar no SASE não para ganhar um salário, eles me pagavam, na verdade pagava não, porque lá eram uma associação beneficente aquelas coisas não é? Eles pagavam meu colégio e me dava uma coisa inzonai. Hoje por exemplo um salário mínimo é 1000 reais, antigamente tinha um salário menor, seria hoje, por exemplo, 500 reais e eu ganhava um auxílio de custo de 200 reais talvez... Eu acho que nem isso, mas dava para ajudar a minha mãe e pelo menos estudar não é... Eu fiquei lá dois anos com eles e depois eu saí e fui trabalhar uma fábrica de bateria... Da época que meu pai morreu meu irmão tinha entrado nessa fábrica de matéria, meu irmão tinha 13 anos era nessa rua aqui ali aonde tem a peixaria, ali naquela esquina era uma fábrica de bateria grande do espanhol... Aí meu pai morreu e o espanhol ficou com pena, deixou meu irmão lá um bocadinho de tempo, depois eu entrei lá também, lá que eu comecei a ganhar um dinheiro de adulto não é? Eu ganhava por semana, aí eu fiquei lá uns dois anos e dali para frente eu tive que sair da escola em 70, ou 69? Eu acho que foi em 70 estudei até o segundo ano ginásial, passei para o terceiro ano quando iria começar eu não entrei, porque o trabalho não deixava tinha que escolher entre trabalhar ou estudar. Aí eu entrei na aviação união ali em agosto de 69, fiquei ali até 2004 trabalhei ali 35 anos me aposentei em 1997 só na união fiquei 28 anos e mais 7 anos aposentado, me aposentei com 44 anos de idade. Me aposentei novo porque tinha a profissão em salubre então era com 25 anos de serviço. Eu nem sabia que estava na época de me aposentar era novo com 44 anos, aí o rapaz lá me disse que está na época de eu me aposentar, pois queriam mudar a lei da aposentadoria aí e vai te prejudicar tem que dar logo a entrada, então eu falei para ele “dá logo a entrada aí”, aí ele deu a entrada e 97 me aposentei, não trabalhei mais porque não quis e não trabalhava até hoje.

JA: Você tem uma lembrança marcante da sua infância aqui na Vila Operária?

PAB: Um momento marcante sempre tem, a morte do meu pai foi muito marcante porque a gente era novo e receber essa notícia, ele saiu para trabalhar como fazia todo dia meu pai era

pobre, mas era muito dedicado, todo aniversário nosso eu e meus irmãos a ganhávamos uma caixinha de chocolate era algo que marcava a nossa vida. Ai quando meu pai morreu a gente sentia muito a falta dele, eu não senti mais porque realmente a família era muito unida, como eu falei minha avó veio morar com a gente por causa disto, meus tios lá de minas deram assistência aqui de quase 6 meses, a família se regenerava voltava ao normal, foi muito triste mais depois disso foi só alegria, todo mundo trabalhando mas marcante foi isto.

JA: Qual era a relação que você tinha com seus vizinhos?

PAB: Todo mundo aqui era uma família sempre tinha aquela festa da família juntava todo mundo era muito animado, a Vila Operária sempre foi animada era todo mundo antigo, a Vila Operária até 1980 não sei a época... A Vila Operária tinha guarda noturno apitando de noite, ele passa em frente a sua casa e apitava você não via ninguém... E primeiro que era ditadura, o pessoal fala tanto da ditadura que é contra, eu não sou nem favor e nem contra, a ditadura tinha essas vantagens. Quando eu fui trabalhar na união em 69 a primeira coisa que a gente fazia naquela época era ir ao juiz de menor, tira uma identidade (eu tenho essa identidade até hoje) como você trabalhava depois das 10 horas da noite, depois das 5 você não podia, se você não fosse a policia te parava e você tinha que ter um documento para dizer o que você fazia entendeu? Naquela época eles não reprimiam muito não, mas era controlado, um respeitava o outro, você passava na policia ali ele parava falava com você e você com ele. E como eu trabalhava na empresa de ônibus e na empresa de ônibus você era obrigado há trabalhar 15 dias de manhã e 15 dias de tarde naquela época, porque não dava para estudar então eu tive que parar... A policia você chegava parava e dava a identidade na mão deles, o trabalhador... Você não via policia assim não, o próprio guarda noturno cismava com uma pessoa ele pedia o documento e “o que você está fazendo na rua essa hora?” não tinha toque de recolher não, mais tinha uma disciplina, pra que ficar na rua também? Hoje você vê ai às crianças de 9, 10 anos 1 hora da manhã na rua as mães tudo carregando no meu da rua ai... Ai vem uma bala perdida, morreu, mas também procurou isso, se ficasse em casa não acontecia isso... A gente respeitava muito a mãe, a minha mãe era muito assim rigorosa, mas meu irmão como era o mais velho do que eu dois anos, ele mesmo depois que estava no deserto à gente 10 horas da noite tinha que está em casa, não podia passar não, se você chegasse em casa dizendo que ia para uma festa ali você tinha que chegar 9 horas da noite você tinha que está porque se não tivesse ela ia atrás entendeu? Ela ia atrás procurar... Então era um respeito não é? Hoje isso não existe, a Vila Operária foi criada assim, não tinha essa “mufuca” como tem hoje que faz o que quer, não tem mais esse respeito. Antigamente era um respeito com todo mundo, todo mundo respeitava todo mundo, chegavam e perguntavam “fulano mora aonde?”

todo mundo sabia, todo mundo conhecia todo mundo era muito bom... E a Vila Operaria cresceu, meus filhos nasceram tudo aqui, neto, bisneto e foi assim e vamos levando a vida não é?

JA: Como o senhor formou a sua família?

PAB: A minha família foi formada... Com três filhos, o Luciana que já morreu há dois anos infelizmente ela pegou um câncer e morreu de câncer e tem o Cristiano que mora na rua ali atrás e a outra e a Ana Paula a mais nova que mora lá em Jardim Anguar em Imbariê e ali foi surgindo não é? Cada um teve seus filhos, e a família foi feita... Hoje nós temos uma família razoável

LCB: Aonde você conheceu sua esposa?

PAB: Foi aqui do lado mesmo, ela é filha do seu Otacílio, a gente desde pequeno convivia ali mesmo, daí começamos a namorar praticamente em 1970... Casamos em 74, em 70 já namorávamos ela tinha 14 anos e eu tinha 16 e daí pra cá ficamos a vida toda.

JA: O que seus filhos fazem hoje e qual a relação que eles têm com a vida Operária?

PAB: Na Vila Operaria eles praticamente não tem mais, ninguém mais mora aqui, só tem o dali que trabalha como ajudante de caminhão, não é grandes coisas mas trabalha pelos menos vagabundo na família não teve... Aqui na família não teve nenhum vagabundo e aqui na época diziam que eu seria o pior, porque eu era o casca-grossa não é? Eles pensaram que quando meu pai morresse eu iria dá para coisa ruim, mas não deu não... Trabalho e trabalho não é? A gente não tinha tempo para nada, à gente sai de casa, por exemplo, 6horas da manhã para trabalhar, chegava as 18horas da tarde e quase as 19horas tinha que está na escola, chegava as 10horas da noite, chegava cansado na verdade só tínhamos o sábado e o domingo, então na verdade não tinha meio e antigamente não tinha essas más companhias como se tem hoje... Não tinhas más companhias, as nossas brincadeiras era domingo na rua, esses piques, essas brincadeiras, as crianças todas muitas gente e era isso, a vida foi levando...

JA: E o que seus filhos fazem hoje?

PAB: A minha filha ela trabalha como chefe de recurso humano de uma firma de transportes o meu outro filho trabalha na teletransportadora, a outra morreu ela deixou dois filhos, um neto uma neta. O meu neto morra aqui em cima sozinho e outra a minha neta se formou... Na AFE, trabalhou na AFE como aprendiz depois saiu da AFE foi trabalhar nas Casas Bahia, no departamento pessoal das Casas Bahia, ela e formou em direitos humanos e agora está fazendo pós graduação ela é filha da minha filha

JA: O senhor tinha comentado que trabalhou no SASE, e as pessoas com quem trabalhava sabiam da existência da Vila Operaria?

PAB: Sim, sabiam! Eu já morava na Vila Operaria todo mundo no SASE sabiam, todos conheciam a Vila Operaria...

JA: E como eles viam o local?

PAB: O local eles viam normal porque aqui na minha casa, na casa da minha mãe e a casa da minha vó aqui em baixo quase todo mês tinha culto, o pessoal que vinham da igreja era todo mundo família, família e igreja eram consideradas uma coisa só... E eu entrei lá no SASE por causa disso. O SASE na época o presidente, não entrava de menor, eles ficaram mais para me ensinar porque meu pai morreu aquele negocio... Então tinha o Jeremias o vice-governador, Jeremias Mattos foi o governador de 66 eu trabalhava no SASE, e ele era uns do governador do SASE. Ele saiu do SASE para ser governador do Estado entendeu? Ele ganhou a eleição em 66 aí ele foi ser governador do Rio de Janeiro, o Rio de Janeiro era dividido não é em Guanabara e o Rio de Janeiro, a sede do Rio era em Niterói, ele foi para Niterói... Eu ainda lembro uma historia que eu fui lá ao Palácio na casa dele para levar uns documentos para ele assinar na época com uns 12 e 13 anos de idade, fui levar lá em Niterói, ele já era governador, ele foi assinar a documentação porque já estava de afastando do SASE, mas era ele o Isaias de Sousa Maciel o fundador do SASE que tinha vindo lá de Realengo, até a pouco tempo ele estava vivo, só não sei se ainda está vivo, se estiver está com os seus 100 anos... Esse Anbriato Cabral morreu nesse ano, se ele também estivesse vivo estaria com seus 95 para 100 anos ele era da idade do meu pai, se meu pai estivesse vivo estaria com 95 anos agora, eles era tudo da mesma faixa o Seu Alberto também... Mas era tudo de igreja, era tudo unido eu cheguei um dia lá na igreja e pediram para mim se apresentar lá no SASE. Eu aprendi muita coisa lá eu aprendi a bater maquina o tíflografo na época era profissão, hoje você nem se fala nisso, mas na época o “tíflografo” (datilógrafo) era um cidadão não é... Eu aprendi a bater máquina, eu aprendi a fazer exame de sangue em laboratório eles me ensinaram... Eu comecei a minha vida ali no SASE, foi muito boa à vida lá, eu passei aqueles dois anos só porque eu tive que sair não é? O SASE não tinha funcionário, todo mundo ali se formavam, por exemplo, as enfermeiras todo ano se formavam uma turma, aí essa turma que se formava tinha como obrigação de trabalhar um ano no SASE para cumprir, além de eles estarem fazendo uma especialização, aprimorando a profissão eles estavam trabalhando... O SASE quando inaugurou era a maternidade, todo mundo trabalhava na maternidade. Eu fui história ali no SASE em diversas coisas o primeiro trigêmeo que nasceu no SASE eu estava no SASE... Trabalhando de jaleco e tudo, eles me deram um jaleco eu era moleque era abusado então eu era lá como o provador, eu era o provador da cozinha não é? A cozinha era o meu lugar favorito... Eu ainda lembro o dia que nasceu o trigêmeo lá, domingo era visita e eu estava de

plantão eu tinha uns 13 anos de idade... Ai as cozinheiras tinha feito pudim para os médicos não é? Ai eu falei assim “Dá o meu pedaço para cá” eu tenho que comer primeiro, ai eles guardaram lá o pudim e elas foram embora para visitar os trigêmeos e depois ela iriam embora, eu peguei um daqueles pudins raspei para o canto, escondi e comi sozinho um pudim inteiro eu era muito bagunceiro na época (risos) eu gostei não posso reclamar da minha infância não... A minha infância foi boa com poucas exceções

JA: O senhor sabe me dizer o que a prefeitura já fez para a Vila Operaria?

PAB: A prefeitura em si começou como eu falei como o Euclides foi um candidato hoje ele é fiscal de obra de prefeitura, ele é fiscal de obra até hoje e ele nunca mais foi candidato, mas depois começou o Zito ai começou a melhora a fazer esses escadões, a fazer quase todas as construções que tem ai... Porque a Vila Operaria é um lugar movimentado, ela passa carro em todo quanto é lugar, os únicos lugares que não entra é escadões, mais os carros entram ai em todo lugar... Mas o Zito foi um dos primeiros que uma iniciativa em obras... O primeiro não, o primeiro mesmo foi aquele que eu falei o outro prefeito Marcelo que fez o negocio da minha tia ali, a pracinha depois o Euclides deu sequencia, e depois o Zito começou a fazer e agora depois do Zito veio àquele que está ai agora o prefeito Washington quando entrou não fez nada pela a Vila Operaria, depois veio o Alexandre Cardoso e fez uma praça ai, consertou uma praça lá, já tinha as praças lá ele fez uma melhoria... E esse posto de saúde foi fundado em 1982 por então prefeito Indequio, até o nome é do pai dele, o Doutor não sei lá de Freitas não é... Era um deles lá, mas na época era o Indequio que fez em 82, foi fundado em 82... Eu lembro porque foi quando fizemos a casa do meu irmão lá em baixo no Parque Alfaeti foi feito aqui esse posto... Eles fizeram isso depois foi gradativamente todo ano vem uma porção de gente ai, depois veio o outro vereador o Osvaldo que morreu deu uma melhoria pelo menos na parte de limpeza essas coisas porque já não tinha nada... Mas ficou bom, a Vila Operaria em si é um paraíso, porque se comparar com outras comunidades a Vila Operaria é um paraíso, a Vila operaria a gente hoje está vivendo uma dificuldade por causa de um baile que estão colocando ai que não tinha, esse baile era lá em baixo, mas agora passou para ali, toda sexta feira tem esse baile ali para atumultuar... Fora disso a Vila Operaria é uma tranquilidade, a policia nem entra aqui... Não que não tenha a suas coisas porque todo comunidade tem, mas você não vê atualmente gente andando armado ai, dificilmente você vê um, mas quando vê é porque está querendo aparecer, fora disso. Teve uma passagem histórica também aqui na Vila Operaria essa eu posso dizer que foi histórica... Eu trabalhava a noite largava as 4horas da manhã no dia que estourou aquela bomba ali no Rio Centro, no mesmo dia a sede da OB ela foi vitima de uma bomba também, que se estourou toda e nesse dia a

Vila Operaria teve uma participação direta ou indiretamente... Eu estava trabalhando larguei as 4 horas da manhã e fiquei fazendo umas horas lá, quando foi umas 5 horas eu vim embora quando eu vim embora cheguei ali na praça para cá isso aqui parecia uma praça de guerra, isso tudo em geral Caxias, não foi só a Vila Operaria mais Caxias em geral tinha polia que não se acabava mais, aqui na praça era cavalaria, era de cães tinha mais de 3000 policia... A Vila Operaria aqui eles saiam naquela fila indiana em 200 e 200 assim andando de rua em rua perguntando como é que estava, ficaram o dia todinho na Vila Operaria, na Vila São Luiz em Caxias, mas a Vila Operaria eu lembro porque foi marcante na época... Ai quando foi 13 hora da tarde estoura a bomba lá em baixo, ou seja, eles esvaziaram o Rio de Janeiro de policiamento, eles tiraram o policiamento do Rio de Janeiro como se dissesse para acontecer o que aconteceu, não tinha ninguém... Porque não havia justificativa para nada... Esses 2000 policiais vieram lá de baixo, o Rio de Janeiro foi esvaziado ai teve aqueles dois ataques, um lá no Rio Centro e outro lá, na época meu irmão era da PE e lembra aquele acidente lá que tudo era amigo dele o sargento que morreu lá no Rio Centro... E aquilo lá ficou por isso mesmo, mas então eu digo comigo a Vila Operaria ela contribuiu para aquilo, porque não tinha motivo de tanto policial assim, se hoje não tem imagina naquele tempo, era muita gente isso aqui parecia uma praça de guerra acampamento e tudo, eles ficaram até 16 hora da tarde, depois que estourou foi todo mundo embora esvaziasse nunca mais veio ninguém... Ou seja, alguma coisa tem contato com outro não é possível...

JA: Seu Paulo e como é a relação das mulheres e negros aqui na Vila Operária? O senhor tem algum fato marcante sobre isso?

PAB: Mulher sempre foi mulher não é... O convívio era muito bom às famílias ajuntavam tudo era tudo unido, não tinha coisa diferente não... Assim marcante não tem não, as festinhas juninas que tinham na época ai era muito bem chegada...

JA: O senhor já falou pouco, mas como foi o processo de construção dessa casa?

PAB: Meu pai ganhou um barraco com as umas tabua, nós trouxemos para cá e em uma semana nós fizemos ela, fizemos um mutirão, levantamos os tijolos colocamos as telhas, foi feita de tabua, a nossa casa aqui não teve o chão batido, mas 99% das casas da época eram tudo de chão batido, porque o pessoal queria passar para dentro, para passar para dentro não podia gastar com dinheiro para o chão... Com meu pai aqui já ficou bom porque éramos com taba tudo direitinho, nós a fizemos mais alto um pouco e forrou o chão com tabua, como fazia na roça não é, ai foi levando essa vida, com fogão a lenha, fogão a gás depois, mais tinha fogãozinho à lenha...

JA: E como surgiu a ideia de colocar a placar aqui do lado de fora da sua casa?

PAB: Isso aí foi só uma lembrança da família, a família em 62 em 2012 fazia 50 anos aí nós reunimos a família Breder, a primeira reunião que teve dos Almeida com a família toda eu tenho até uma fotografia aí, a primeira reunião foi feita em 1954 juntou meus avós, a família toda, a minha mãe e quando foi em 2009 o meu irmão morreu aí uma cunhada mandou um e-mail para a família querendo reunir a família de novo, porque a gente tinha passado mais de 50, 60 anos sem a família se reunir e essa família hoje não é dos Breder, é o dos Almeidas, mas o Breder e os Almeidas é tudo uma coisa só, eles 90% dessa família morra no alto do Caparaó em Minas Gerais a família é sitiada lá todos, chegou a Caparaó no digo porque cresceu muito Caparaó, mas na época pequena Caparaó praticamente só tinha umas 10 famílias e era tudo grande, essas famílias era tudo gente do local, e hoje lá nós temos da parte da minha mãe, hoje só tem a minha mãe e mais duas irmãs, mas da família dela os sobrinhos, os bisnetos aquilo tudo, só no Caparaó deve ter mais de 500 pessoas, só no Caparaó dos Almeidas então eles fizeram uma nova reunião em 2010 e essa minha cunhada propôs se reunir de novo porque só tínhamos se reunido em 1994 com meu avô, porque meu avô ele pensava que “eu vou morrer agora” então reuniu os filhos todos, eu vou pegar daqui a pouco a fotografia para amostrar para vocês, ele reuniu todo mundo. Aí nós começamos a reunir de novo em 2012 nós fizemos o primeiro encontro da família Almeida lá em Guapimirim aí ajuntou mais de 100 pessoas, ajuntou umas 150 pessoas, ajuntou gente que não se acabava mais com a família toda... Aí nós fizemos no ano seguinte mais outro em outro lugar em Guapimirim mais em outro sítio, em 2012 foi quando eu fiz aqui os 50 anos aí eu boleí e vou fazer uma placa lá na frente e vou deixar lá só para lembrar que a família tem mais de 50 anos aí não é... Aí o pessoal passa às vezes curioso e dá uma olhada, mas está lá, não é por causa de vaidade não, é só para lembrar a família. Aí em 2012 em coloquei a placa e 2013 nós fizemos outro encontro, 2014 e 2015 nós fizemos 4 encontros seguidos aí parou de novo, porque o pessoal de Caparaó para ir para cá fica muito difícil, o Rio de Janeiro você vai alugar um hotel aí é uma nota, vai alugar um sítio, em 2015 fomos alugar um sítio um lugar perto de Niterói a minha prima levou até um calote de quase de \$3000 que ela alugou e depois desistiu não pode mais pegar o dinheiro, mas nós fizemos uns 4 encontros, 2 aqui no Rio de Janeiro e 2 lá em Minas nós fizemos no sítio de Tatuapé lá em Minas, foi uns encontros bons ajuntava a família toda e ficava bom, foi o motivo dessa placa aí, foi um dos motivos de incentivar...

JA: Qual a importância que a sua tem para a história da Vila Operária?

PAB: Eu acho que para a história isso depende de muito quem vê a história não é... A história e você for contar ninguém sabe entendeu? Então os moradores aqui antigos, por exemplo, dona Cabloquinha, dona Jovem... A dona Jovem é a única que vai morrer jovem porque

ninguém nunca sabe o nome dela até hoje (risos) eu vim saber o nome dela quando ela fez 85 anos, eu curiosamente perguntei qual era o nome dela aí ela falou que era Jovelina, até hoje o pessoal conhece ela como dona Jovem... Tem a dona Eliete, o seu Otacílio, a dona Severina aqui do lado ela era uma figura ela criou boi aqui do lado amarrado, fez um poste aqui e tinha uma vaca que era criava, ela tirava leite de manhã animal ela tinha tudo quanto é animal aqui na casa dela, então a história (inaudível) fazíamos brincadeira não é... Era muito bom, ainda é bom até hoje porque os antigos então aí, o seu Otacílio, por exemplo, ele é um homem abençoado por Deus fez 90 anos essa semana, a minha mãe vai fazer 89 amanhã, dia 17 ela faz 89 anos, ele fez 90 ano, 8 filhos, com os 8 filhos vivos até hoje, então ele foi um abençoado com 90 anos e o filho mais novo com, eu tenho 44 anos de casado, foi fazer 45 anos, o filho mais novo deve está com 47 anos. Só morreu um filho dele no parto, o resto está todos vivos até hoje, a casa dele é a quem tem mais gente aqui na Vila Operária, eu acho que é a família dele e a do Seu Mair ali da frente, a do Seu Mair a família é grande. Essa família se ajuntar eles dá entre filho, sobrinho, neto e bisneto esses negócios, deve dá umas 200 pessoas só aqui na Vila Operária vivos até hoje... Eles morreram tanto que esse Seu Mair morreu em uma semana e a mulher dele morreu na outra, tanto que morreu os dois juntos praticamente, era um dos fundadores lá na Rua da Mina lá, ele foi um dos primeiros, ele foi primeiro do que nós porque que eu lembro que começou essa rua aqui, depois eles saíram de lá para cá, depois eles começaram a andar para cá quando o meu pai veio, demos uma sorte tremenda porque meu pai veio falar lá na rua “vamos começar a medir hoje” aí o rapaz veio medir, então nós tivemos sorte, porque se não íamos morar lá em cima do morro, mas a sorte nós ajudou porque ficamos aqui em baixo, no dia que meu pai veio que teve esse mutirão...

HB: Seu Paulo e esses senhores que chegaram aqui antes do senhor, ele vieram de qual lugar?

PAB: Eram tudo operário, a maior parte era do Rio de Janeiro mesmo, porque o camarada que era responsável por dividir os lotes era seu Luís Barrigudo morava naquela casinha, a primeira casa que tem ali subindo de azulejo na Rua Bageio Silveira nessa reta aqui mesmo de frente aqui eles moravam ali, ele era o responsável ele foi à primeira casa na Vila Operária.

Ele era responsável por medir os terrenos, i ele tinha uns parentes na época o Nilton Bororó que era guardar noturno era muito ligado na feira então o pessoal que veio muito para cá a maior parte era de feira, era pessoal que ia para feira quando começou a dar centro de Caxias aqui era praticamente o centro como é hoje o centro mais antigamente não era nada dali para lá da rua da padaria para lá começaram a dar vê que ninguém invadiu nada, tem aquela Rua Vigilante Municipal aquela rua principal lá Vigilante Municipal ela foi o nome dela desde que começou era esse Nilton Bororó que era o Vigilante municipal aí botaram o nome dele não

botaram Nilton bororó botaram Rua Vigilante Municipal em homenagem a ele, e ele controla o viaduto não deixando atrapalhar cada nenhum do outro lado do outro lado era fora da vila como o lado também lá em cima não deixou passar nada para o outro lado, só aqui dentro mesmo tendeu foi fazendo só aqui dentro em quanto tinham eles fizeram.

HB: Como o nascimento de cada filho que o senhor teve influenciou na relação com a casa?

PAB: Relação com a casa é eles nasceram aqui. Minha primeira filha se **chama** Luciana ela morreu faz dois anos agora minha primeira filha em 14/02/1976 eu casei em dezembro de 1974 em 1976 tive a minha primeira filha, dois anos depois veio o segundo Cristiano em 1976 aí passou um tempinho em 1981 veio a caçula são os três filhos que eu tenho nascidos todos aqui, nasceram, criaram, casaram tudo aqui. Uma mora ali na outra rua, a outra como eu falei mora lá em ela morou aqui também na vila como mudou lá pra cima ia minha filha que morreu morava lá em cima na casinha lá em cima. Agora mora só o filho dela o meu neto aqui na vila operária. Na Vila Operária hoje ó tem eu, Grulhe, o filho a nora e o filho e esse outro aqui são seis ou sete.

HB: O senhor tem alguma lembrança do branco nacional de habitação? O BNH?

PAB: BNH lembrança do BNH, BNH ele na década de 70 foi o primeiro governo que começou a endividar a gente, segundo presidente da república porque o primeiro foi Getúlio Vargas ate eu escutei essa história há poucos dias não tem muito tempo não Getúlio Vargas foi o primeiro que acabou com a previdência foi o primeiro que na época quando começou a previdência em 54 Getúlio Vargas era presidente 52, 53, 54 ele morreu, foi o primeiro que começou a comer dinheiro da previdência, começou a fazer as obras, o segundo Costa e Silva por causa do BNH em 1970, 72 eles foram fazer a transamazônica eles pegaram dinheiro do NBS, naquela época não era NBS, naquela época cada profissão tinha um Instituto em 66, em 66 quando eu estava no SASE eu participava de certas, eu não participava não porque como eu era mascote eles me levavam, naquela época quando teve essa reunião com esse governador Jeremias Mattos e Fontes, ele foi lá no SASE foi quando houve um negócio de NBS, porque naquela época não era NBS era um negócio de NPI, NPI que era da indústria e do comercio, tinha o Inapetec e outras, eram três, que pertencia alguma coisa e ajuntaram tudo e fizeram o NBS isso em 66, 67 nessa época eles fizeram... Ai o BNH pegou o dinheiro do NBS para fazer obras, complicado não é (inaudível) e fazer à transamazônica, só que pegavam e não pagavam mais não é, naquela época NBS só entrava dinheiro, só entrava. Porque o NBS ele, hoje o pessoal fala do NBS ai, mas não sabem da história do NBS, mas o NBS era o instituto mais rico que tinha, porque ele começou em 54 quer dizer, eram 55 anos de servido, o cara só ia se aposentar em 1988, 89entrava dinheiro e saia, não pagava aposentadoria, a aposentadoria

que eles pagavam eram só de quem morria, mas assim quando começou o pessoal a necessitar da previdência praticamente foi de 80 para frente, aí em 88 houve aquela constituição não é, aí já mexeram com a previdência, depois mexeram de novo, até hoje mexeram na previdência umas 11 vezes, agora será a 12ª em 30 anos é muita coisa! Eu por exemplo era para ter se aposentado com teto máximo, eu pegava o teto máximo. Eu trabalhava na união eu ganhava 8 salários mínimos, salário mínimo mesmo então se fosse hoje seria 8.000 em média, eu ganhava na época em 77, \$836 já era real, para você vê \$836 em 97, eu dei a entrada na aposentadoria com um comadre lá que entrou e depois saiu, o teto máximo da aposentadoria era \$1030 era equivalente a 10 salários mínimos, eu como trabalhava eu pegava o teto máximo eu ganhava 8 salários mínimos mais tinha horas extras aquelas coisas e ultrapassava o salário do NBS, então eu pagava o máximo, você podia ganhar 20.000 mas pagava o máximo. Eu comecei a pagar o máximo, foi até uma história que aconteceu comigo na empresa que eu trabalhava a noite, um dia o patrão chegou para mim e disse assim “você vai trabalhar de dia agora, você vai ser lá do tráfico lá” aí eu falei “mas lá tem que trabalhar 10 horas, lá tem que fazer hora extra” “ah, mas você ganha mais que os expectores” porque eu era coordenador não é, mas eu não tinha nada haver com isso, o interesse é seu, para eu trabalhar às 10 horas eu tenho que ganharem elas, se não eu só trabalhava até às 7 horas e 40 que era na época, aí o pai dela estava assim “Ele está certo, paga as horas extras a ele” aí com as horas extras ultrapassava o teto máximo. E esse teto máximo eu aposentei, cheguei lá no dia que eu fui pegar a minha aposentadoria, o meu primeiro salário meu de aposentadoria \$958, eu ganhava 800 e pouco que era o mais na empresa em fazer nada não é, estava bom demais! O teto era 1030 fiquei todo satisfeito, nem reclamei de nada. Hoje eu ganho, para você vê em 20 anos de aposentadoria caiu 70%, hoje eu ganho três salários e meio mínimo, até o teto máximo hoje é cinco salário mínimo meio só, 500 e pouco não chega ser 600, é 5.000 e pouco, 3.000 e pouco, aí quando eu procurei a saber porque a minha cotia da aposentadoria estava caindo tanto, aí eles me falaram “não, porque você caiu nas regras novas” então naquela época já tinha mudado a aposentadoria para 85 anos, depois veio para 90 e vai até para 100, depois vai para 120 e eu não sei como vai ser daqui para frente, até acabar não é, mas eu fiquei naquela época ali, mas eu estava ganhando bem dava para levar a vida ali tranquilo, mas aí depois eu parei de trabalhar eu não quis mais e só fiquei com NBS e acabou...Esse BNH só tem haver com isso porque foi um dos que mais tirou dinheiro da previdência, aí eu vim falar a pouco tempo que eles estava na previdência e falaram, primeiro presidente que colocou o déficit foi Getúlio Vargas não, eu confundi foi Juscelino Kubitschek para fazer Brasília, pegou o dinheiro para fazer Brasília,

dinheiro da previdência, o segundo foi Médici e o terceiro foi esse agora, esses três pegaram o dinheiro para acabar com tudo, hoje não tem dinheiro para nada...

JA: O senhor se recorda de algum projeto que o BNH fez aqui na Vila Operaria?

PAB: O BNH fez nenhum projeto aqui não, projeto nenhum! Só se foi no papel entendeu, porque ninguém chegou aqui, não teve mesmo...

JA: O que o senhor sabe sobre a remoção aqui na Vila Operaria?

PAB: Remoção que eu posso falar para vocês foi antes de eu vir entendeu, foi aquela que eu disse de 61 que era lá na Vacaria, aquilo ali foi a única vez que mexeram na Vila Operária, tiraram e ficaram um ano e pouco de novo, foi a única entendeu, isso aí foi antes de 62, de 62 para cá não teve intervenção d BNH, a não ser que o BNH estava enfiado com aquele antigo nome aquele que eu falei ai o proprietário com o Barboza que queriam vender os lotes, a não ser que foi naquela época que eles fizeram uma mutreta qualquer para entrar , mas não conseguiram não entendeu, ela nunca entrou aqui o BNH mas e como eu estou te falando, pode ter acontecido por de trás dos panos, como estava naquela época eles queriam lotear a Vila Operaria e pode ser que eles fizeram um acordo com o BNH para fazer isso o antigo dono, sei lá o nome dele lá, é Alexandre Driss não é, possa ser que que nessa época eles entraram em contato com o banco para poder fazer um processo, mas o banco eu acho que não foi atrás não, porque não entraram colocaram um escritório ali mais o escritório era do Barboza , o Barboza que estava fazendo o manejo mais ninguém foi na dele não, ninguém foi na dele, mas fora isso não teve não...

JA: Qual foi o papel da associação dos moradores ara o senhor?

PAB: A associação de moradores para mim, não significa muita coisa... Primeiro, eles não se interessa, eu acho que a associação de morador como essa daqui que foi feita na época ela foi feita com uma intenção não é, então quer dizer esse José Jesus Barboza tanto que ele já tinha uma intenção bem antiga, ele morava ali na rua de cima lá e cima saindo da Vila já naquela pracinha Marcilio Dias não é, a casa dele era lá em cima para você ver que isso daqui está em 1959, em 59 foi fundado o cemitério isso tudo aqui era uma área só o cemitério e aqui, o pessoal fizeram o cemitério ali e pegaram uma parte, fizeram o cemitério, naturalmente foi quando ele fez essa associação ai, ele abriu essa associação em cartório naquela época já com segundas intenções... Isso ai, isso aqui é um pensamento meu de 59 a 68 começaram a Vila crescer lá em baixo, lá do outro lado não deixaram aonde aconteceu à remoção saiu, em 61 ele fundou, legalizou em 61, então quer dizer, foi quando eles começaram a fazer um remanejo então eles fizeram com uma intenção...

PAB: A associação dos moradores não é muito presente, ela fica lá em cima, mas não é muito presente entendeu? Para te dizer a verdade eu nem entendo o que quer dizer associação de moradores da Vila Operaria, ela só veio para prejudicar porque para beneficiar eu acho que não... Porque ela autorizou a fechar os becos todos, as ruas foi o que eles fizeram. Eu acho que uma associação de moradores eles tem que ter um sócio, o camarada tem que ser sócio eles não procuram ninguém para associar eu não sei como é feito, há pouco tempo a Vila Operaria, eu estava isso há pouco tempo que a Vila Operaria... Eu estava em Juiz de Fora a uns 10 anos atrás e meu irmão já estava doente para morrer, e foi um pessoal visitar ele lá e daí estávamos conversando e por incrível que pareça a mulher trabalhava na prefeitura e era responsável por esta área da Vila Operaria, aí ela começou a comentar que o prefeito daquela época tinha indenizado, a justiça batido o martelo de quanto foi a Vila Operaria para os proprietários, uma indenização que a prefeitura tinha que pagar os antigos proprietários da Vila operaria... Eu não sei se era 18 milhões na época e tinha um feito àquilo em algumas parcelas, eu acho que foi em 10 parcelas o pagamento... Aí eu peguei aquele boato em 2010, não tinha certeza... Dai um dia eu conversando com o vereador “Você não quer ganhar a eleição?” porque você não legaliza a Vila Operaria. A Vila Operaria já está disponível para virar bairro á 10 anos e “porque você não legaliza?” precisa legalizar lote por lote, aí ele entrou com esse Alexandre Cardoso, o Alexandre Cardoso, o Pezão que era governador do Rio de Janeiro, e eles fizeram as reuniões que a Vila Operaria ia ser loteada, cada um com seu pedaço direitinho pegando os impostos, tendo direto a tudo... Aí nosso ficou, um ano o pessoal ia marcar as casas, mas não vieram mais ninguém naquela época ainda tinha a verba para eles fazerem, mas não fizeram e esqueceram de tudo, o vereador morreu e nunca foi feito, eu acho que não será mais feito nada ficará assim a vida toda.... O Osvaldo ainda fez umas 5 ou 6 reuniões lá em cima na associação de moradores para lotear e colocar tudo legalizado, quer dizer então o povo é muito egoísta ele não quer o troço para si, ele não quer algo para legalizar, ele quer algo bagunçado, porque com a bagunça ele consegue tudo, mas legalizado ele não consegue nada, eu não digo todo mundo mais 70% não paga luz eu deixei de pagar a água em 2000, então ali mas não está ligada, eu uso o poço não caia água eu pagava uma taxa quando a minha vó era lá de baixo, a taxa de água era feito por cômodos quantos quartos tem uma casa, quantos metros quadrados então a casa da minha vó era muito grande tinha uns três ou quatro quartos, eu não sei, a taxa de água em 2000 eu pagava direitinho \$112 em 2000, os meus vizinhos tudo pagavam \$12 eu pagava \$112 e não caia água, aí eu fiz um poço e não paguei mais... Hoje se for vê eu estou devendo a Cedae, não tinha água também, como eu ia pagar água? Então o pessoal quer isso, sem pagar água, sem

pagar luz, sem pagar isso ou aquilo... Então a associação de morador o certo era isso, hoje a light vem aí passa nas casas, não digo tudo mais 20% das casas não tem nem relógio e eles nem se preocupam com eles não, eles só se preocupam com quem paga, quem paga se ferra e o caso da gente... O marcador passa direto por eles, um dia eu perguntei “porque você não marca isso aí?” ele disse eu só marco aonde tem relógio, ali para cima ninguém tem...

JA: Você conhece alguém que era envolvido com a associação dos moradores?

PAB: Bom... Eu conhecia, mais os nomes assim eu não lembro, mas eu conhecia, na época do Euclides a associação ele foi o primeiro que quis mesmo porque ele era morador daqui, então para ele era interessante fazer alguma coisa para a Vila, então ele foi primeiro que se movimentou, mas não tem valor... Tanto que poxa fazer uma obra aqui dentro sem um prefeito apoiando é muito difícil e ele fez, ele fez conseguindo só aquele material fazendo aquele meio fio ele ajuntava umas 30 pessoas ali na praça trabalhando, todos trabalhando. Eu não dava muito porque eu trabalhava, não tinha tempo, mas eu ajudava com dinheiro eu chegava lá ele falava “dá um dinheiro aí para comprar umas coisas ali” eu dava para fazer um lanche aqueles negócios, naquele tempo a associação já estava movimentando, mas eu não sei quem era o presidente não, porque eu nunca fui sócio da associação, ninguém nunca me procurou não fui porque ninguém me procurou...

JA: Como os moradores hoje tem se organizado para melhorar a sua vida aqui na Vila Operaria?

PAB: É o que eu estou te falando... O Osvaldo começou a organizar fazia uma reunião de fez enquanto, só que o local desse fazer uma reunião para melhorar a Vila Operaria é um patrimônio chegava à reunião iam umas 30 ou 40 pessoas só, é brincadeira não é? Justava lá em cima e ninguém ia “eu não quero isso não, isso vai atrapalhar a gente” ninguém ia entendeu? Eu não sei, o cara ia ficando desativado, vinha um prefeito, vinha um secretário, vinha não sei quem chegava lá só 30 ou 40 pessoas, para um lugar desses. E quem ia era só para malhar, não ia para dá solução ou opinião, porque você vai a uma reunião precisa dá opinião não chegar lá e ficar calado.

Luciane Chagas Brasil: O senhor falou que soube dessa questão da venda, da legalização você lembra-se de chegar a conversar com o Osvaldo sobre isso?

PAB: Eu cheguei conversar com ele, ele sempre passava aqui e agente sempre dava um “chega para lá” eu falei Osvaldo “você quer ganhar as eleições?” você vai lá ver com o prefeito cara, o prefeito ou o governador, aí eles se reuniram todo mundo e eles fizeram a uns 4 anos atrás foi feito uma reunião aqui, esse prefeito veio o pessoal do estado e medição, não era só a Vila Operaria eles iam... Entrou o projeto para melhorar a Vila operaria o esqueleto lá

da Washington Luiz e o Carandiru para legalizar esses três, o pessoal estava com tudo pronto, trabalhando com maior vapor aí começou aquele negocio de política em 2014 aquela roubalheira do caramba, aí começou a se afastar, mas já tinha ali na reunião o pessoal do departamento que media, eu mesmo me propôs a dar a eles esse mapa que eu tenho aqui em casa que eu tenho da Vila Operaria todinha, eu tenho a Vila Operaria marcada de ponta a ponta de casa por casa, no meu mapa “eu quero a casa de fulano” no meu mapa está, só que ele é muito grande ele pega essa sala quase completa entendeu? Porque eu fiz por aquele papel vegetal o que dava eu fiz ali, eu o fiz grande porque precisava escrever o nome de muita rua e escrever pequeno não dá às vezes você faz pequeno mais depois amplia, mas para você escrever as letrinhas tinha que fazer algo decente. Eu fiz para eles “vocês podem pegar aí tirar uma copia” era tudo da Vila operaria, o cemitério ali separado, tudinho... Eu o tenho, eu sempre tenho guardado como o da família que eu também tinha os retratos guardados, eu também tinha da Vila Operaria só que eu não tenho foto assim da casa porque antigamente era tudo diferente até 1980 para você conseguir uma maquina fotográfica era uma dificuldade não é? Hoje não, hoje você pega um celular aí e faz qualquer coisa...

JA: Existiu alguma organização da população para cobrar a prefeitura pelas as melhorias de vida?

PAB: Isso aí era feito com o com o vereador, depois que o vereador entrou o pessoal pedia o vereador e o vereador pedia a prefeitura, a prefeitura por seu interesse fazia ou não fazia... Como Zito, a filha dele fez esses escadão aí, uma boa pare desses escadões foi feita pela filha do Zito, naturalmente por causa dele que era prefeito não é? Mas ela era deputada na época, foi feito por ela e era feito assim por partes dos vereadores... Porque agora os moradores da Vila Operaria para chegar ate a prefeitura eu acho que ninguém chegava não... Eu acho que ninguém foi, eu nunca fui a prefeitura, eu já fui a reuniões aqui assim dentro, mas na prefeitura nunca fui entendeu?

LCB: Lá no inicio quando o senhor começou a falar você falou que ajudou a construir a escola, nos conte um pouco mais de como foi isso e quem te chamou...

PAB: A escola foi o seguinte... O Barbosa primeira coisa que ele fez em 62 eu estou falando 63 porque meu pai morreu em 64, então é entre 63 e 64, eu acho que foi em 63 porque foi o primeiro ano. Eles fizeram o mutirão e todo morador comprava tijolo o outros comprava areai, a outra pedra, fez um mutirão todo mundo se interessava em uma escola, havia uma união entendeu? Quando o pessoal veio, eles vieram com expectativa de crescer, então a primeira coisa que oferecia o crescimento para a Vila Operaria era uma escola, não nem praça e nem nada era uma escola. Então foi feita ali a Escola Municipal Vila Operaria, eu não sei

quando foi fundada se foi em 63 ou 64, eu acho que foi em 63 que meu pai era vivo a gente era tudo pequeno e todo final de semana o mutirão pegava firma, o pedreiro, todo mundo pegava direto e eles fizeram aquela escola em menos de dois meses, então por isso que eu acho que foi em 63 para começar as aulas em 63 não é... Porque em 62, 63 já tinha escola para as crianças foi a primeira que teve, depois de benfeitoria foi o posto em 82...

LCB: O senhor tem alguma lembrança da primeira igreja aqui que era no cruzeiro?

PAB: Primeira igreja?

LCB: É

PAB: Rapaz, igreja sai todo dia não é... Igreja é o que mais tem

LCB: A igreja católica...

PAB: A igreja católica eu sei... A igreja católica aqui ela foi feita na praça, na Praça Humaitá, eu acho que era praça e não podia fazer ai ela ficou lá uns três anos ai foram lá para matriz. Aqui na Vila Operaria eles fizeram uma lá em cima no Cruzeiro, quando saiu daqui aquela de madeira eles trouxeram aqui para o cruzeiro, mas também não ficou muito tempo não entendeu? Ali em cima era cruzeiro, ali era uma igreja depois que fizeram praça e as coisas, eu não sei o porquê ela saiu de lá... E igreja de crente a primeira que teve aqui eu acho que foi aquela lá de cima da Assembleia de Deus, que lá em cima perto da praça lá em cima eu acho que foi a primeira assim de crente depois foi saindo para ali e para lá, a católica era lá e eles fizeram aqui já teve ter uns 30 anos ou mais entendeu? Mas lá cima foi feito uma mais foi pouco tempo, eu não sei se foi aquela da praça que veio para cá, eu acho que foi... Aquela da praça eles colocaram aqui na outra praça, mas tiraram de novo a igreja católica...

HB: Seu Paulo, o senhor relatou para gente uma historia de trabalho, uma vida dedicada ao trabalho, você falou dos operários que trabalhavam... Mas como ficava a parte de divertimento das famílias, de como era as festas? Como era a vida social aqui?

PAB: A vida social até pouco tempo, vamos colocar 1990 a vida social do pobre em geral, antigamente era praia, cinema e futebol eram os três setores. Praia todo domingo, cinema todo sábado e domingo era os divertimentos que tinham... Tinha cinema ali, tinha cinema na 14 de julho, Caxias tinha tanto cinema ai não é? Tinha cine Brasil, cine Central, cine não sei o que... Então, todo lugar tinha um cinema, a nossa diversão era cinema, praia e futebol, para você ver que o Maracanã naquela época de 70, 80 Maracanã levava 150, 200 mil pessoas em um jogo, hoje ele lotado só leva 60 ou 70 mil... Eu lembro que uma vez eu fui a um jogo de Copa América isso em 77, 78, eu trabalhava na firma ai o Brasil foi jogar com o Chile ai o pessoal da empresa, da chefia fomos para o Maracanã com 148 mil pessoas no Maracanã era muita gente? Hoje não vai quase ninguém, só 30 ou 40 mil. Mas o divertimento era isso...

HB: Tinha festa de rua?

PAB: As festas de rua tinham juninas, festas dessas coisas sempre teve festa junina, o circo aqui vinha na época quase todo ano, chegou uma época que o dono do circo veio morar na Vila Operaria, eu acho que tanto que ele rodava... Da ultima vez que ele veio ele ficou com a família toda, foi morar naquela rua ali de traz o circo dele era aqui na praça... Então era o divertimento as festas de São João isso era uma festa grande, hoje em dia não tem mais isso, hoje é televisão e internet... Mas naquele tempo o divertimento era praia, cinema e Maracanã futebol... Não tinha outro divertimento não...

JA: Então foi ótimo Seu Paulo, muito obrigada pelas respostas foi um prazer ouvir um pouco da sua história...

HB: Tem alguma coisa que o senhor lembre que queira deixar registrado?

PAB: Se você quiser ver a família eu pego o retrato lá em cima... Vamos deligar isso aqui? Vamos comer as uvas (risos).